

DOCUMENTÁRIO

TRÊS POEMAS DE JOAQUIM DE SOUSA (*)

DORES NA SOMBRA

Lírio do vale, eu fui um desvairado,
Pudera te adorar... só quis amar-te;
Nas ânsias de um sofrer amargurado,
Em vez de te elevar, tentei manchar-te!
— Perdoa! eu sou o verme... és tu o astro
E seria de fel nosso himeneu...
Ai! lança, no passar, um tênue rastro
De luz, no negro crepe do meu céu!...

Foram teus meu delírio e meu anelo,
Mas meu sofrer foi só! ninguém o viu!
Tredo sonho roçou em meu cabelo,
E o fantasma da morte ali dormiu!
Sim, do mundo infernal a infame boca
Cuspiu no meu cadáver inda sangrento;
E minh'alma se arroja, como louca,
Pelas trevas ferais do pensamento!...

(*) Joaquim de Sousa (1855-1876), poeta cearense de expressão byroniana, suicidou-se no Rio de Janeiro há mais de 110 anos e não deixou livro. Os poemas aqui reproduzidos foram recolhidos por Sânzio de Azevedo do jornal *Mocidade*, que circulou em Fortaleza em 1876.

Covardes, que chorais, vinde comigo,
Abri a noite fria dos maíditos;
E esbarremos na porta do jazigo...
— Inda um instante negro de proscritos;
Infames, que sorris!... Erguei a taça,
Esgotai do gozar o cálix todo!...
Bebei na boca impura da devassa
Um misto de prazer... de luz... e lodo!

Tristemente a sorrir frio e gelado
Eu deixei-me empurrar pelo Destino...
Morrer que importa? O anjo do finado
Embrulha na mortalha o peregrino!...
— Minh'alma, que era cega, iluminou-se
Ao teu suave olhar tão pensativo...
E às esferas da luz ela arrojou-se...
— Mas hoje é tudo morto... eu já não vivo!

Na febre desse anelo e desse sonho
Fui elevar-me às nuvens cor-de-rosa!...
— Dias felizes, plácidos, risonhos,
Hoje tornados — noite dolorosa!...
Morrer!... Eu sinto n'alma o desalento
Arrancar-me uma a uma as esperanças!
Oh, virgem! meu amor, meu pensamento,
Leva-me ao céu atado às tuas tranças!...

Mocidade, 23.04.1876

NEGRUMES

Parece, chego ao termo da jornada...
— Parte-se d'alma a derradeira fibra!
Meu triste pensamento — águia tombada,
Já nas nuvens risonhas não se libra;
Crestou-lhe as asas na tormenta irada...
Feriu-lhe o golpe que a desgraça vibra!...
— E no crepe da dor envolvo a fronte,
— Não tem risos nem luz meu horizonte!...

Sozinho galgo o vale dos finados,
E mergulho na campa os pés poentos...
E junto a mim nos mantos embuçados
Fantasmas sepulcrais perpassam lentos;
Múmias e corvos correm desvairados,
Tremem e riem, — canibais, sangrentos!...
Oh! minha aurora sepultou-se em gelo!
Das crenças d'alma desprende-se o elo!

Queima-me a areia do deserto extenso,
Desnudado, sem luz e sem palmares!
E minh'alma, qual chama ou qual incenso
De pira sacra s'embebeu nos ares!...
Adeus, virgem que amei! No mar imenso
Rola a espuma febril dos meus sonhos!...
Oh! é bem triste percorrer sozinho
As ossadas ferais do meu caminho!

No fogo da paixão e das quimeras
A seiva do meu ser já consumiu-se;
O doirado sonhar daquelas eras
De encontro ao meu destino bipartiu-se!
E quando resvalei lá das esferas
O demônio da dor cantou, e riu-se!...
Adeus, sombra gentil e vaporosa,
Eu mergulho na noite tenebrosa!...

Quando as névoas do mar dormem na praia,
Quando as aves do céu dormem na terra,
Minh'alma como a vaca até se espraia,
E da pobre matéria se desterra!...
Pobrezinha, sem luz, talvez que atraia
Um astro desses mil, que o céu encerra!...
Ai não me chores, não! pobre açucena!...
Tu és o colibri... eu a falena!

Amanhã! amanhã! Triste mistério,
— Concha fria, que encerra o meu futuro;
Talvez que lá no sol d'outro hemisfério
Purifique o meu ser do lodo impuro!

— O destino me brada atroz, funéreo:
Desce ao teu antro poeirento, escuro!...
E sombrio, retomo a negra estrada...
— Adeus, raio do céu! eu volto ao nada!

Mocidade, 30.04.1876

ADEUS

Ai não me chores não!... Se desvairado
O destino febril arremessou-me...
Eu tinha a sina atroz do condenado,
A torrente fatal arrebatou-me!...
Não podia fugir, que o meu passado
à cadeia da dor agrilhoou-me!...
— E os sonhos be'os que a chorar lamento
São folhas secas, que levou o vento!

Meu Deus! Já de ilusões doirei meu leito,
Aqueci-as dos céus nos sacros lumes;
P'ra tantas sombras era o mundo estreito,
Filhas das fadas, criações dos numes!...
— Mas hoje o coração morreu no peito,
Quando eu quis inundá-lo de perfumes...
— No deserto caminho solitário...
Sigo a estrela fatal do meu fadário!...

O ruído das festas me amordaça,
E sinto que este clima me sufoca...
Só vejo nuvens negras de desgraça,
Quando a cidade ri, sedenta e louca;
Quis beber do prazer a febril taça,
E o travo amargo causticou-me a boca!...
— E, enquanto o mundo dorme nas orgias,
Beijou a morte as minhas mãos já frias!...

Não foi, por certo, o mundo qu'eu sonhava,
Esse em que bruscamente me senti...
Em vez do céu azul que eu anelava,
Achei o leito impuro em que dormi!...

— Loucura! A sorte negra me buscava,
— Corvo faminto, que voeja e ri!...
— Por toda parte segue-me o fadário,
E diz: teu himeneu é ossuário!...

Adeus, sombra gentil, que um devaneio
De moça fez prender-me em doce laço...
Adeus, minha pobre irmã! Sobre o meu seio
Jamais te estreitarei em doce abraço!...
No céu do meu destino atroz eu leio,
Da morte ir repousar sobre o regaço!...
— Lírios mimosos — filhos da inocência,
Dai-me da prece a sacrossanta essência!

Mocidade, 23.06.1876